

JORNAL: HABITAT Nº 31 LOCAL: \_\_\_\_\_

DATA: 16/1956 AUTOR: \_\_\_\_\_

TÍTULO: V SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA

ASSUNTO: V SALÃO MODERNO - ARTISTAS UNIVERSALIZADOS

IVAN E OUTROS

HABITAT

Nº 31 JUNHO 1956

p. 12

15



“As 3 meninas Sampaio Moreira”. Nanquim sobre tecido bruto, 1956.



“Alex e Lúcio Kowarick”. Nanquim sobre algodão bruto, 1956.

artistas figurativos que se dedicam ao retrato. Não a Ingres, como solução de verossimilhança do desenho com a pessoa. Mas a Ingres como utilização legítima do decorrer linear ao efeito colimado de refazer o objeto ou a criatura.

Aliás, a organização *Pintores do Nosso Tempo*, fundada em 1947 com o fim de insistir, suscitar e expor seus testemunhos pictóricos sobre a humanidade e o seu tempo, recebeu a adesão de grandes artistas já hoje mortos, como Léger, Matisse, Dufy e Utrillo. A primeira exposição no Museu de Arte Moderna de Paris teve como assunto “O Trabalho”. Isso, em 1949. Já a segunda exposição, em 1953, teve como tema “O Domingo”, e perambulou das margens do Sena até Bourges, Nices, Lião, Avinhão e Tunis. Em 1954 o tema foi “O Homem na Cidade”. Em 1955 o tema se tornou otimista, “A Felicidade”. E agora, em 1956, o tema escolhido teve como finalidade reabilitar o retrato. Artistas pintaram ou desenharam personalidades. Assim, Fujita pintou Jean Rostand; Hambourg pintou o professor Lepine; Léonor Fini lembrou-se de pintar nem mais nem menos o escritor escandaloso, Jean Genet; Mac Avoy pintou Picasso; Ganne desenhou Marcel Achard; Brayer pintou Barrault vestido em Hamlet; Simon Auguste fez o último retrato do velho Paul Leotaud poucos dias antes de sua morte; e Cocteau desenhou Madame Weissmuler.

Ora, todos esses pintores deram a seus retratos um tratamento linear essencial, com o fito deveras de reabilitar o retrato. Nesse sentido, portanto, a atual exposição de Darcy Penteadado se realiza quase simultaneamente com a exposição de retratos acima citados no Museu de Arte Moderna de Paris.

E sua exposição dupla, a experimental ou de vanguarda, e a de retratos e de intuito sintético-analítico, mostram de um lado sua capacitação sempre disponível e, de outro lado, asseveram sua vocação categórica, que não precisa desorientar-se em módulos de virtuosismo.

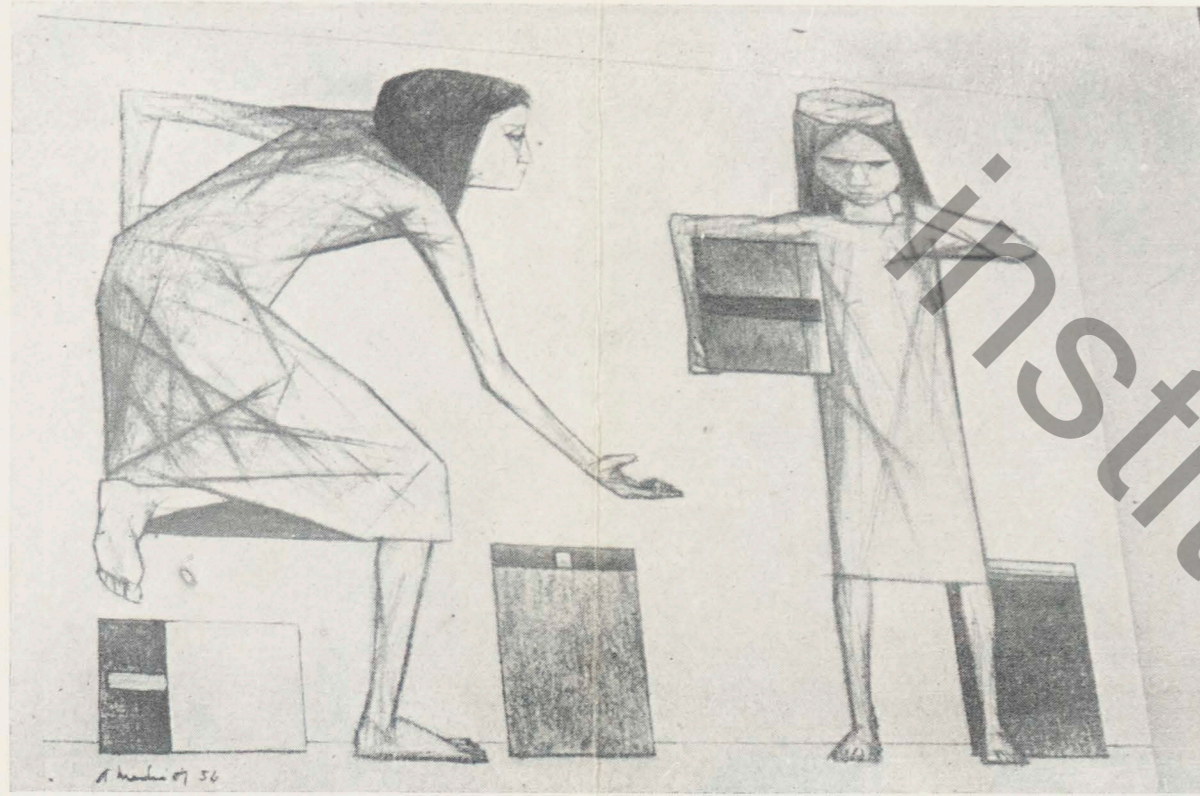
Como se caracteriza, quanto a temário, a mostra de desenhos atuais de Darcy Penteadado? Não há paisagem nem episódios. Não segue, portanto, as correntes de grandes pintores-desenhistas como Buffet, Boussard, Braig, Brayer e Cassarini, para só falar na turma parisiense de Testemunhas do Nosso Tempo.

No ardor de pesquisar a linha e a matéria, se igualará a Paul Charlot e a André Civet, por exemplo. No retrato, não está no rumo de Hambourg nem de Armand Nakache. Muito menos no de Joseph Pressmane.

Darcy Penteadado, quanto tem de vanguardismo na pesquisa de matéria, terá de despojamento em seus retratos de mera fatura linear. Nisso retrocede para excelente companhia: para a disciplina dos que ainda hoje seguem Ingres.

“Menino e catavento”. Nanquim sobre tecido grosso, 1956.





Anisio Medeiros, "Brinquedo".



Anisio Medeiros, "Retrato".

## V Salão Nacional de Arte Moderna

Quase quatrocentas peças de interesse averiguado pelo júri de seleção constituem o conglomerado heterogêneo do V Salão Nacional de Arte Moderna que acaba de encerrar-se.

A parte de arquitetura e a parte de escultura reduzem-se a 17 unidades. Expõem elementos de reconhecido valor, como Alcides da Rocha Miranda, José de Souza Reis e Pedro Paulino Guimarães, ou como Zélia Salgado e Sérgio de Camargo. Nota-se, principalmente no setor de escultura, uma lamentável abstenção de plásticos de reconhecido mérito, de vanguardistas que dariam ao certame uma categoria monumental. É de lamentar-se a ausência de escultores que, todavia, então com trabalhos prontos para as próximas exposições individuais. Prestigiando a exposição dariam ao V Salão Nacional de Arte Moderna uma espécie de pautas com diversos contrapontos onde se aliterariam esculturas maciças, abertas, espaciais e dinâmicas, mostrando o que nesse sentido já se vem fazendo no Brasil.

Em desenho, decerto a parte mais homogênea e de ápice do certame, destacam-se desde logo Aldemir Martins com *A Filha de Santo, Córca e Peixe*. Julgamos bem escolhida a remessa, pois há ali três características das pesquisas modais do artista cearense ora premiado na Bienal de Veneza com o Grande Prêmio Internacional de Desenho. Essas peças avulsas, uma episódica, outra como retrato sintético, e a terceira como

qualidade plástica obtida através de recursos de trabeculação ornamental, qualificam o artesanato da última fase de Aldemir, sem contudo nos dar uma visão do sentido de sua arte figurativa de ordem humana, ecológica e local, com motivos e temários do Nordeste principalmente. Decerto o artista resolveu fazer um envio dessa triplíce natureza para mostrar não o temário e sim as variantes de sua técnica.

Anisio Medeiros, mais linear e sintético do que Aldemir Martins, vinca o dinamismo de atitudes e episódios através de um grafismo com função de infra-estrutura. Ótima qualidade de desenho, por onde se vê como o assunto figurativo assume categoria gráfica mercê mais de uma exatidão de equilíbrio modal e de uma deformação ótica específica do que do fato registrado.

Arnaldo Pedrosa d'Horta, em plena fase abstrata, resolveu, todavia, mandar três trabalhos de puro desenho real, objetivo, com inspiração direta na natureza, *Pássaros, Folhagem e Morcégo*. Certo sentido de iluminação, onde ritmo e composição coexistem, evitam uma estética de mapas didáticos tão do gosto daqueles assuntos de História Natural.

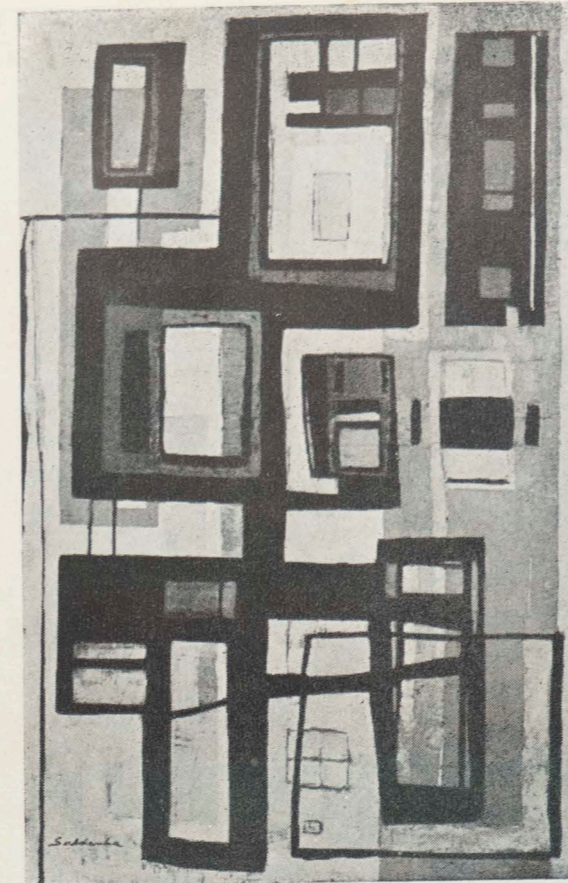
Cumpre assinalar o figurativo Darel Valença que em *Tempestade* leva mais além o mundo cotidiano e ao mesmo tempo cósmico de Osvaldo Goeldi, com o qual, contudo, só tem essa analogia de motivos.

A brevidade deste registro impede que ana-

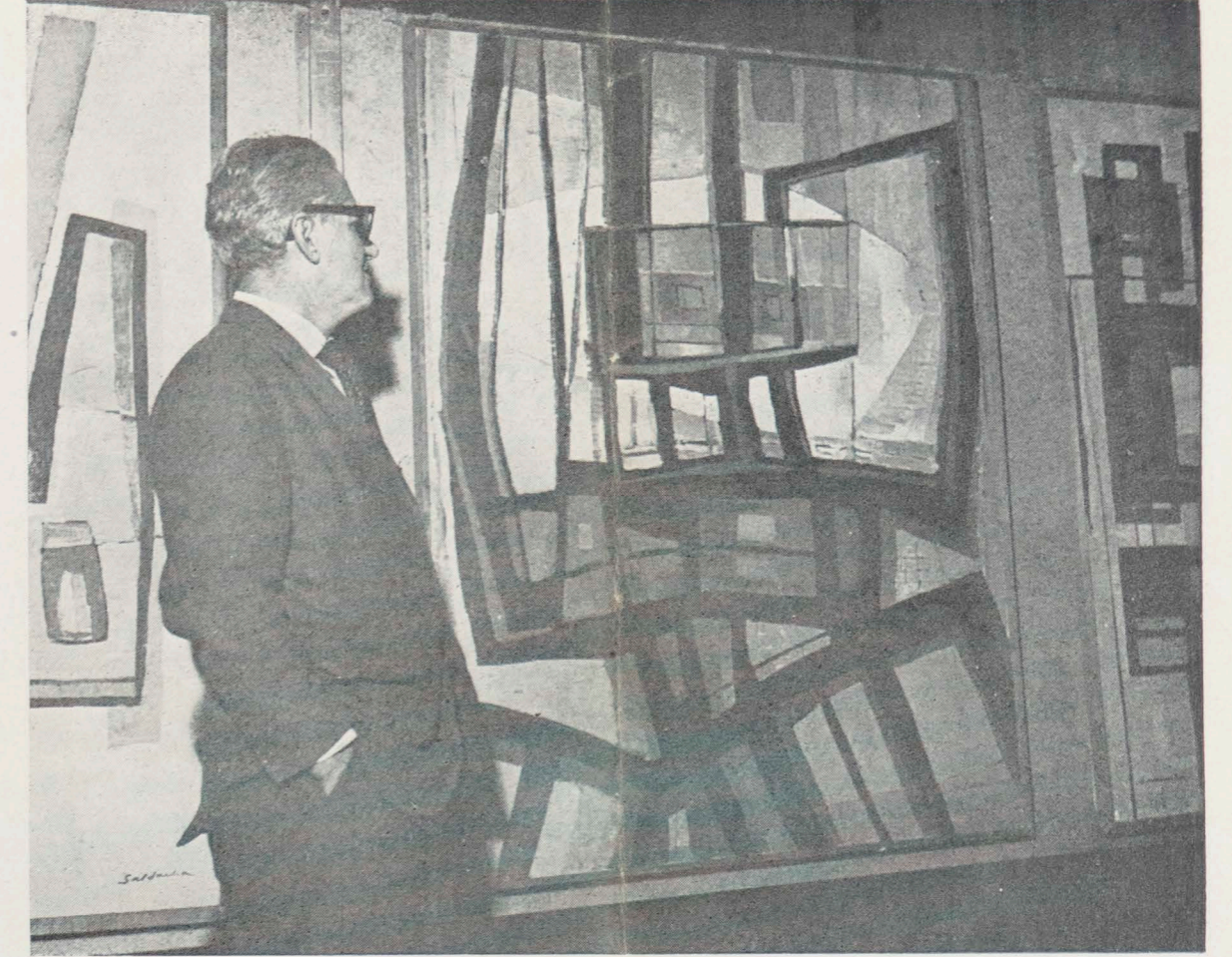
lisemos outros trabalhos, cumprindo, no entanto, passar em revista o desenho conjuntamente com a gravura e fazer referência ao realismo regional de Glenio Bianchetti, Renina Katz e Poty Lazzarotto, onde as qualidades de técnica, trama, incisão, tratamento do suporte, e interpretação episódica se justapõem como finalidade artística e dialética.

Para efeito de classificação há que dividir teoricamente desenhos, gravuras e pinturas nas três claves em voga de figurativismo, abstracionismo e concretismo, segundo as concepções de testemunho da vida, antianalogia e ascetismo plástico, que caracterizam as três tendências. Muitas vezes o acervo figurativo deste V Salão foge à conceituação acadêmica. E muitas vezes a formulação abstrata incide, conforme já tem sido averiguado, no vézo de um academismo, pelo emprêgo sistemático de receitas e formulários dentro das variantes Herbin, Dewasne, Mortensen e Magnelli. De fato, uma análise mais de teor histórico do que crítico, inclui quase todo o conjunto abstrato na órbita da vanguarda da Escola de Paris.

A tendência das composições e faturas, bem como do cromatismo e da fuga ao temário, seguem preceitos já repetidos saturantemente, de modo que quer aqui nas Bienais, quer no estrangeiro nos Salões Comparações, os abstratos se repetem, se alternam e principalmente se aliteram, como um coro gráfico-plástico, de dicção mística ou profana, mas



Firmino Saldanha, "Composição".



Firmino Saldanha, ao lado de suas "Composições".

sempre sectário como técnica. A tal respeito, o V Salão se torna homogêneo e consanguíneo, quer percorramos desenhos e gravuras, quer nos detenhamos mais em pintura. Raros são os artistas abstratos que devessem inventar uma formulação pessoal. De maneira que é o ritmo fibrilante de cores ou é o arranjo bem congeminado de formas o standard mais em voga, numa espécie de páreo de competição rumo ao mesmo alvo: a fatura abstrata, entre Sônia Delaunay e Bissière, isto é, problemas de cor e de forma em redor de padrões previamente oferecidos como pautas de itinerário. Assim, salvo raros casos, há uma tendência coercitiva, diremos mesmo de reflexo condicionado atuando sobre a maioria do acervo abstrato e constituindo um concurso para ver quem se aproxima de maneira mais típica da elaboração de Manessier ou de Vieira da Silva, de Klee ou de Kandinski, etc.

A limitação da capacidade inventiva extraterrena, a geometrização da matéria antes amorfa, a disciplina das formas solúveis em rijas, o grafismo enveredando para a função de painel, e sobretudo a esutilização de cosmos inventados, eis a problemática em que se debatem os abstratos, como famílias de prófugos itinerantes em busca de novas Descobertas. Esse intento louvável deve, contudo, seguir outras expedições, armas outras frotas de procura e pesquisa, e não ficar adstrito a estaleiros...

Os abstratos atuais devem fazer hoje em

dia, aquilo que os pioneiros da escola iniciaram por volta do começo do século. Para isso se faz mister personalidade e sentimento, além de maestria artesanal. O mundo abstrato em artes plásticas deve ligar-se ainda à terra, por paradoxal que isso pareça. Ter efusão lírica ou mística, nutrir-se das formas geológicas, inspirar-se nas forças telúricas, ser um substrato físico de emanações, um símbolo de leis, uma resultante de equações.

Já o concretismo como disciplina universalizante, sem conteúdo pessoal, significando um sacrifício da inspiração em prol da ordenação intelectual e fria de elementos formais e cromáticos, não se imita, não se repete ainda, talvez por não haver passado nem estatística em seu acervo por demais recente. De modo que, paradoxalmente, o crítico encontra personalidade idônea e específica em artistas que não querem ser pessoais e sim universalizados. É o caso, no V Salão Nacional de Arte Moderna, de artistas como Ubi Bava, Aluisio Carvão, João José Costa e, principalmente, Ivan Serpa.

Esse grupo, seguindo agora uma disciplina de laboratório ao tipo de Sophie Taeuber-Arp por exemplo, trabalha com uma consciência inventiva e justa, bem diversa da saturante sistemática dos abstratos.

Pesquisam, demoram-se em experiências, vivem às soltas com discos, retângulos, telas, frisos, vácuos espaciais, cores concretas e absolutas, sem episódio, sem referência,

dentro de uma cosmogonia de sistemas e de órbitas, espécie de equipe de astrônomos iluminando noites severas...

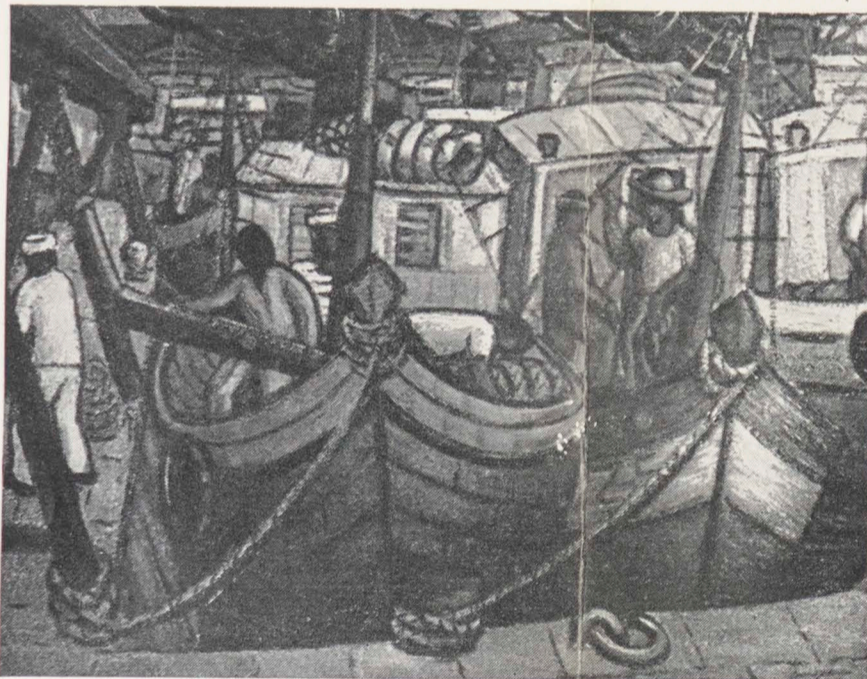
Já os figurativos testemunhas do seu tempo, se dividem, praticamente, em duas correntes: uma ainda acadêmica, com tendência fotográfica, com limitações periféricas segundo as leis de ótica, e incluindo com veracidade morfológica e perspectiva os fatos do cotidiano ou os fatos exóticos. Salva-os a sensibilidade e também os pode salvar a interpretação dos fatos. A sensibilidade, acrescentando ao fato prosaico aquela dose de poesia e drama, ou de ironia e verri-na. A interpretação, segundo a maneira, o ângulo e o corte transversal ou longitudinal com que apresentam o *close-up* da realidade. Não pode ser reportagem gráfica nem plástica. Não pode ser ilustração para textos literários: tem que ser a deformação sensível do real, para reforçá-lo e universalizá-lo como testemunho dialético e não rotineiro e neutro.

A tal respeito o desenho é uma coisa, e a gravura é outra. O desenho pode ainda ser servo da realidade, se for feito através de índole sensível e de metiê vincadamente técnico. Já a gravura, se pretender ser mero desenho reproduzível, estará fugindo à moderna conceituação de arte autônoma.

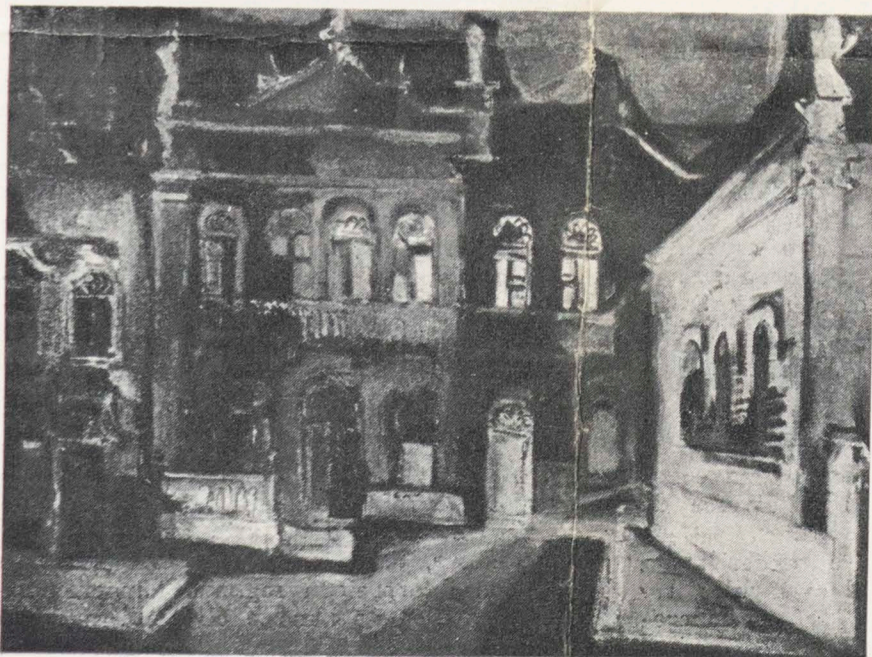
Na pintura, então, a riqueza transbordante da vida interpretada segundo temperamentos e estados de alma e obtida através de técnicas que correspondam à evolução atual



Sansão Castelo Branco, "Galo".



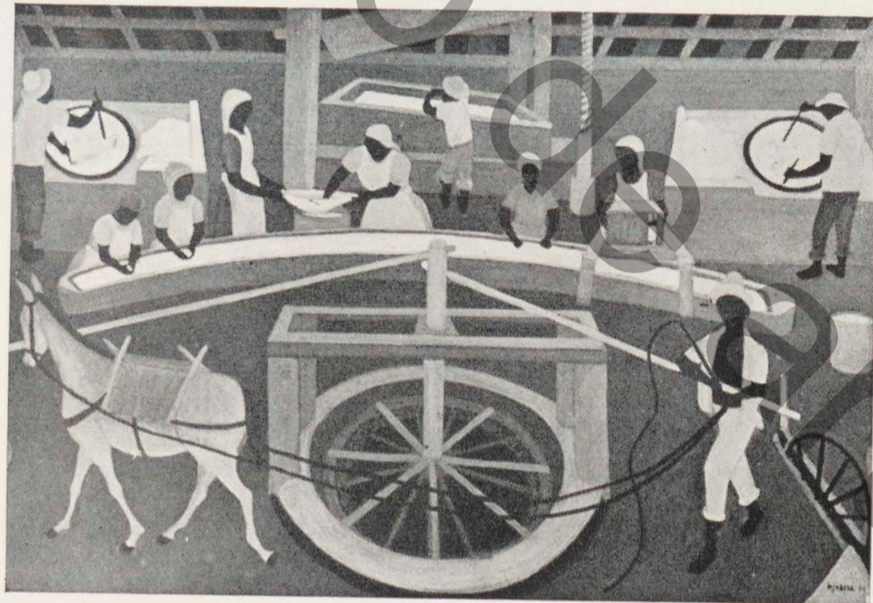
Benjamim Silva,  
"Barcos".



Frank Schaeffer,  
"Casas".



Taziana Bonazzolla, "Paisagem".



Djanira da Mota e Silva, "Casa de Farinha".

dessa arte, tem horizontes que não se saturam, e oferece um ilimitado meio de desdobramentos. Mas num salão que se diz moderno, a verdade é que as tendências abstrata, concreta e figurativa, coexistindo na exposição e significando roteiros técnicos e temáticos diversos, tem que ter um denominador comum: a modernidade técnica. É então que entra como ensinamento e experiência, toda a série de pesquisas das diversas escolas desde o cubismo para cá. Exposição moderna onde ainda entra expressionismo e impressionismo, surrealismo e onirismo se vê obrigada a apresentar as pontas de lança desses movimentos em suas



Glenio Bianchetti, "Desencilhando".



Renina Katz, "Camponesas em campo de arroz".

Poty Lazzarotto, "Gravura".

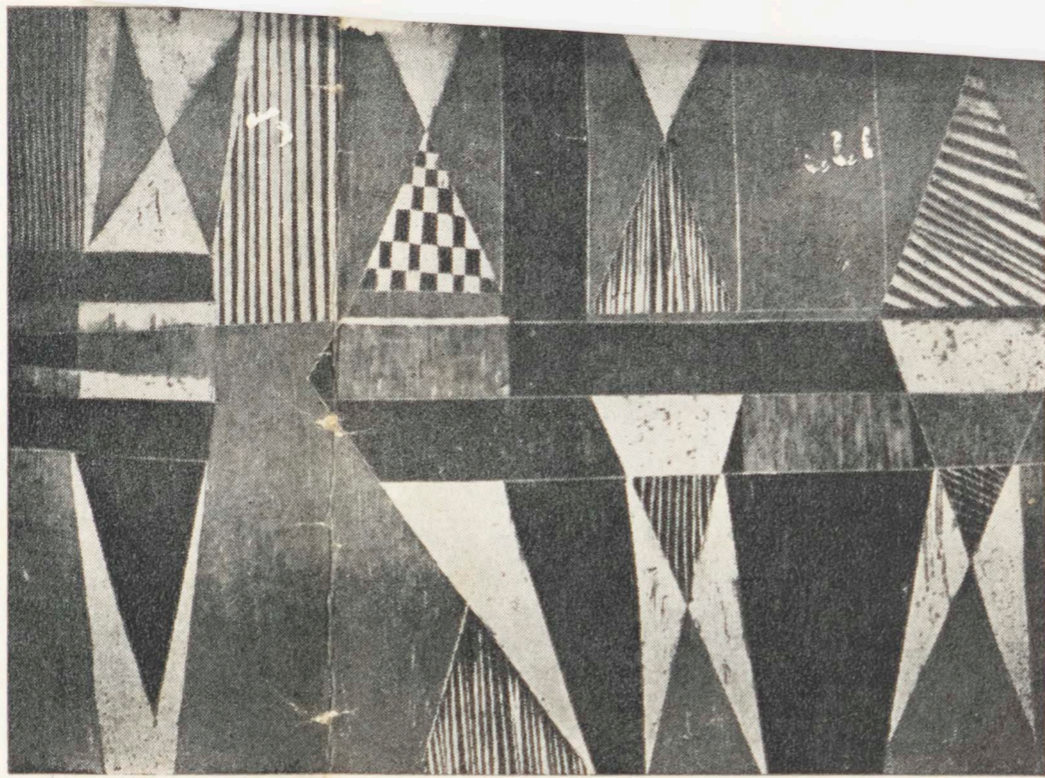


Darel Valença,  
"A Tempestade".

atuais metamorfoses plásticas e temáticas. Não será imitando ainda hoje Derain e Vlaminck, ou Chagall e Redon, que os artistas estarão dentro da programação moderna. Será, tão só na evolução de hoje que esses artistas têm que trabalhar. E isso mercê da redução da arte aos signos essenciais e à experiência da vida. Mercê da valorização consciente de elementos expressivos quanto à forma e à cor. Mercê da coordenação de todos os recursos para não imitar nem decalcar e sim para tornar a criar e sentir, mediante esquemas dinâmicos, o mundo de que os artistas querem ser os intérpretes. Do contrário, as exposições oficiais não pas-

saão de repetição empírica ou técnica de todos os acervos plásticos desde o Impressionismo para cá. Ou de todos os acervos anteriores, com repetições de Corot, Courbet, Delacroix, Constable e Boudin. Que as equipes atuais da arte figurativa cumpram ainda as tarefas de Monet, Bazille, Sysley, Degas, Seurat, Lautrec e Bonnard, quanto à obrigação de assistirem à vida e de ter solidariedade com a condição humana. Mas fazendo hoje em dia o que por certo fariam eles se ainda estivessem vivos. Há que libertar a personalidade mediante o contacto direto com a natureza. Há que expressar com espontaneidade o que cai em

suas sensações. Há que traduzir a diversidade ambiente. Para isso, segundo as lições da realidade em arte, será preciso que os figurativos tomem como base a contemplação do tema natural. Mas que se apaixonem pela análise ótica dos efeitos da cor, que transformem a pintura num ato permanente de criação e que, para tanto, se esqueçam às vezes do episódio e se integrem na obra como técnica. Então, sim, haverá uma verdadeira modernidade, já que cada geração testemunhará o seu tempo mediante os sucessos e os fenômenos interpretados por uma dioptria atual, de iluminação contemporânea com a técnica mais avançada.

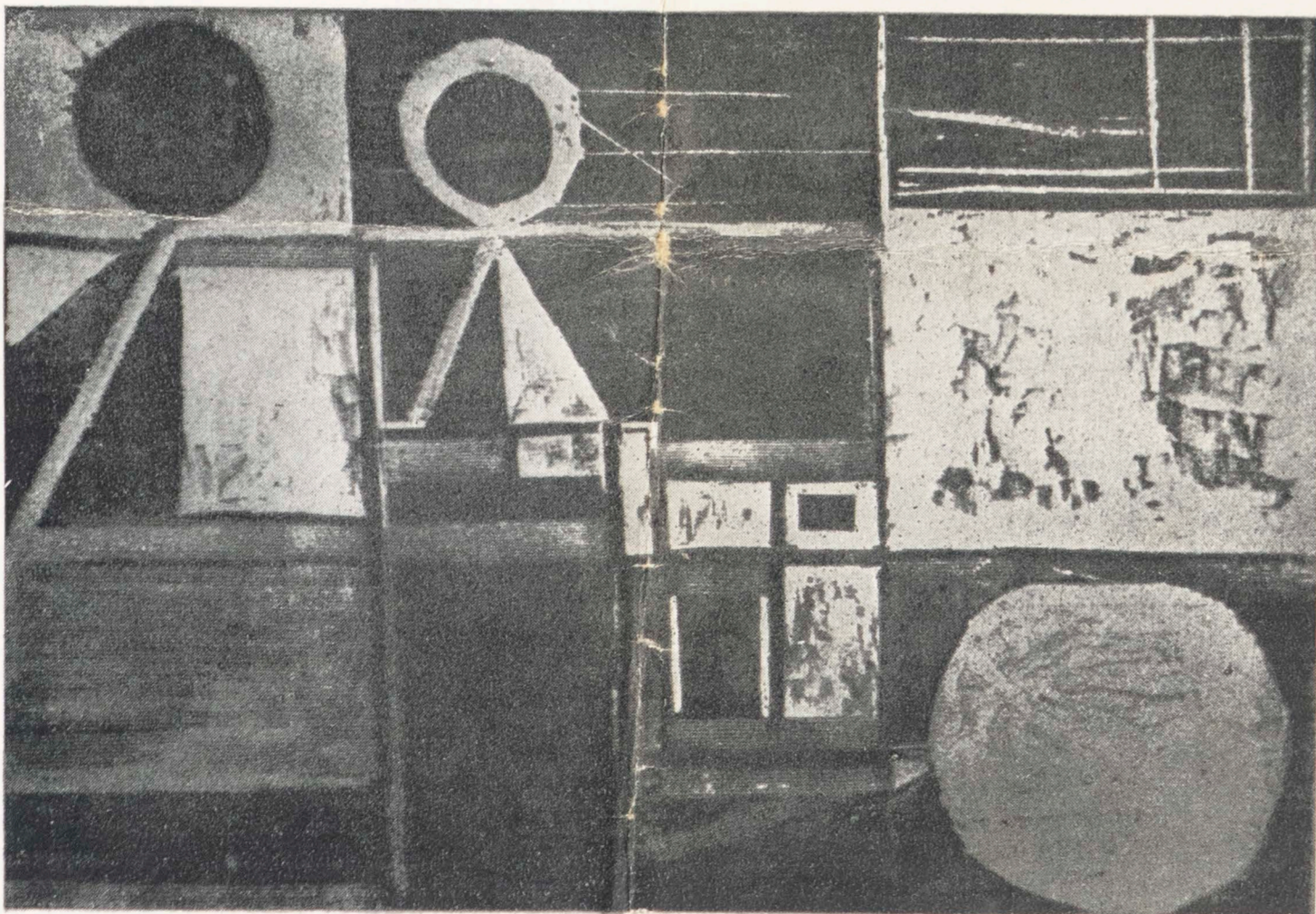


"Saudades".



"Naufrágio".

"Aurora e pôr do Sol".



### Gerações novas:

No sentido de capacitação e de conhecimento, o caso de Maria Bonomi é raro porque ela, apesar de nova, saindo da juventude para a mocidade, não pode ser rubricada como autodidata. Pois, no período ginasial já era aluna de Yolanda Mohalyi; ao percorrer a Itália, em período de férias, se submeteu a testes com Prampolini e Vedova e frequentou os grandes museus. Voltando, se tornou aluna de Plattner e passou a ambientar-se em rodas artísticas enquanto terminava seu curso de humanismo a que não faltou a familiarização com os grandes movimentos e vultos das artes visuais mediante estudo dos grandes períodos. Isso, mais o contato com as correntes vanguardistas fez que ela coparticipasse da III Bienal como o expositor mais novo.

Abandonando temporariamente a pintura, Maria Bonomi concluiu um curso em intenso *full time* no ateliê de gravura de Lívio Abramo, e é do resultado desse estágio que nos dá conta sua exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Aliás, a artista acaba de embarcar para a Itália, levando grande parte de suas monografuras.

Aparelhada por uma cultura plástica de sentido histórico e crítico quanto às escolas contemporâneas, inteiramente ao par do movimento moderno, Maria Bonomi se acha, naturalmente, na fase da opção entre o figurativo e o abstrato; tal problema não a preocupa em primeira linha, pois seu interesse essencial está voltado para a aquisição consciente e disciplinada do artesanato. Inquieta-a, por hora, a base propedêutica. Por isso se entregou ao regime da fatura e da composição. Na verdade vem adquirindo prematuramente o domínio digital e instrumental sobre o suporte. Não investe com atarantamentos, como se esperasse que a matéria lhe oferecesse eventuais automatismos. Trabalha com discernimento objetivo, adquire serena segurança, e as tentações